

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Conhecimento, Educação e Sociedade realizado sob a orientação científica do Doutor José Manuel Vieira Soares de Resende

Esta investigação é dedicada a todos os que acreditam que, regenerar e educar é possível e merece o contributo de todos.

Os jovens devem crescer em tranquilidade, integrando bases sólidas familiares e educacionais, para que no futuro se tornem cidadãos de pleno direito na sociedade onde se inserem, motivados pelo bem comum, pela promoção da tolerância e compreensão da multiculturalidade.

M^a Dores Policarpo

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que comigo colaboraram para a realização e concretização deste trabalho, em particular aqueles cujo contributo foi mais direto.

Ao Professor Doutor José Manuel Resende, pela forma como orientou este trabalho final de mestrado – relatório de estágio, pela sua total disponibilidade e incentivo persistentes.

Um especial agradecimento à Diretora da Escola Secundária de Benavente, Profª Adelaide Carvalho, à Drª Célia Madruga que me ajudaram a orientar o meu trabalho na escola secundária. Aos docentes e a todos os profissionais, que demonstraram grande receptividade e disponibilidade na colaboração que lhes foi solicitada, sem a qual a investigação não teria sido possível.

Aos alunos, respetivos pais/encarregados de educação que se prontificaram a colaborar no estudo, que igualmente tiveram um papel importante durante a minha permanência na escola, mostrando disponibilidade para colaborar, sempre que lhe foi solicitado.

Aos verdadeiros amigos e colegas de trabalho, que muito me apoiaram nesta cruzada e comigo partilharam dúvidas e incertezas e, que mesmo sem terem a noção, foram um incentivo para atingir os objetivos académicos a que me proponho.

A minha família, mãe e irmãs, pelo carinho transmitido e, ao meu marido, José Policarpo, e aos meus filhos, André, Nelson e Catarina, pelo afeto, cooperação e paciência com que me brindaram durante esta etapa marcante e muito importante para mim.

ENIGMAS NA ESCOLA _ A VIOLÊNCIA ESCOLAR

Maria das Dores Dias Rodrigues Policarpo

RESUMO

As expressões **violência** escolar e/ou **bullying** entre pares, são usadas atualmente pelos média, nas reportagens que circulam, nos meios de comunicação de massa, para definir comportamentos inadequados e violentos em contexto escolar.

A presente investigação foi realizada numa escola secundária, situada no concelho e freguesia de Benavente, distrito de Santarém, a ESB – Escola Secundária de Benavente. Teve como objeto de estudo a análise dos comportamentos dos atores escolares, no âmbito da violência escolar e/ou bullying, procurando compreender a interação, relacionamento, representações e modos de agir entre alunos, e ainda que tipo de negociação/mediação põem em prática, como forma de gerirem os conflitos entre pares.

Palavras-chave: *violência, bullying, estigma, norma, valores, socialização, família, escola, sociedade.*

ABSTRACT

School violence expressions and/or bullying among peers, are currently used by the media, in circulating reports, in the mass media, to define inappropriate and violent behaviors in school context. This research was conducted at a secondary school, located in the municipality and the parish of Benavente, Santarem district, the ESB – Secondary School of Benavente. Had as object of study the analysis of behaviors of school actors within the framework of school violence and/or bullying, trying to understand the interaction, relationship, representations and modes of action between students, and even what type of negotiation/mediation practise as a way to manage conflicts between peers.

Keywords: *violence, bullying, stigma, norm, values, socialization, family, school, society.*

ÍNDICE

Introdução	1
Capítulo I: A Violência e o Bullying.....	3
I. 1. A violência ao longo da história	3
I. 2. A violência e o bullying em contexto escolar	4
I. 3. A violência e o bullying – as causas	8
I. 4. Breve resumo da investigação existente sobre violência escolar e bullying	11
Capítulo II: A Instituição e o Meio.....	13
II. 1. A Escola e a Comunidade	13
1.1 A comunidade	13
II. 2. A ESB – Escola Secundária de Benavente.	14
2.1 As instalações físicas	14
2.2 Os profissionais – docentes e não docentes	15
2.3 O Plano de Atividades da ESB para 2011/2012	16
2.4 O Projeto Educativo e Curricular da ESB para 2010/2013	17
Capítulo III: A Investigação	17
III. 1. A minha proposta de investigação no terreno: os objetivos da investigação	17
III. 2. O Métodos utilizados e o desenho da investigação.....	19
III. 3. O Porquê desta amostra	20
III. 4. Os Instrumentos da Investigação no terreno	21
4.1 Os procedimentos adotados	21
4.2 “Ver para Crer” – a observação direta	22

4.3 Perguntas e mais perguntas – O Inquérito e as Variáveis	22
Capítulo IV: Apresentação e Discussão de Resultados	24
IV. 1. As conversas com	24
IV. 2. “Ver para Crer” – a observação direta	25
IV. 3. As variáveis	29
Capítulo V: Conclusões da Investigação	38
Referências Bibliográficas	45
Anexos	47

INTRODUÇÃO

A comunicação social (1) tem divulgado notícias que nos dão conta de algumas situações catalogadas como “violência escolar”, que acontecem nas escolas, em que os intervenientes são jovens, que exteriorizam comportamentos ofensivos para com outros atores escolares: colegas, docentes e outros profissionais do meio escolar e que podem ocorrer entre crianças e jovens de qualquer grupo ou classe social e, em qualquer estabelecimento de ensino, privado ou público.

A família, a Escola, o Estado e a Sociedade são co-responsáveis nas tarefas da educação e socialização dos novos cidadãos, e da sua orientação perante problemas de inadaptção escolar, familiar e social, que conduzam a manifestações de indisciplina e atitudes catalogadas socialmente, como violentas e inadequadas em contexto escolar.

A “violência” escolar pode ser muitas vezes confundida com indisciplina e inadaptção dos atores, ao meio escolar que os envolve e/ou, à comunidade onde se inserem e da qual a sua família e grupo de amigos fazem parte.

A observação constante por parte da escola, família e comunidade é muito importante, para identificar os atores e os motivos que os levam a manifestar o seu descontentamento ou perturbação, através da prática de ações não conformes às normas e valores instituídos em sociedade e nomeadamente pela escola e, que poderão ser consideradas ações que surgem em situações (1.1) no seio da comunidade escolar, que não estão em conformidade com o Regulamento Interno da Escola. Na falta de definição concreta e graduação do nível de desajustamento das ações praticadas, estas podem ser classificadas como indisciplina e não cumprimento das *regras* de comportamento dos atores escolares na escola (dentro e fora da sala de aula), e serem apelidadas de “violência escolar” sem clarificarem a categoria em

(1) “A Opinião Pública dos nossos dias não é apenas uma Opinião de Massa, mas também uma Opinião Mediática: a opinião de uma massa que é funcionalmente processada e emotivamente excitada por dispositivos tecnológicos de mediação, a que damos a designação comum de media.” (João Pissarra Esteves)

(1.1) A situação é o conjunto das circunstâncias do meio físico e social existente, que são apreendidas e avaliadas pelos atores no contexto escolar, no momento em que interagem, e que os leva a decidir que tipo de ações irá praticar, para atingir os objetivos que pretende alcançar.

que se inserem, o tipo e grau que as caracterizam.

Devem ser identificados os atores intervenientes em situações de violência, conhecer as causas e os sentidos que levam a este tipo de comportamentos, pois muitas vezes são fruto de conjunturas que promovem a sua ocorrência. Os educadores e professores devem ser alertados para a necessidade de acompanhamento, por vezes especializado, destes atores escolares (agredidos, agressores e observadores).

Geralmente as causas apontadas para a ocorrência de situações, que não estão em conformidade com as regras e normas sociais e as instituídas no meio escolar, têm sobretudo uma origem externa à escola, no meio sócio económico e familiar dos atores escolares. Assim a família, a sua desagregação ou do grupo de amigos, as falhas na socialização dos jovens ou a violência em sociedade influenciam o comportamento dos jovens no espaço físico escolar que, também ele se impõe e determina o quotidiano escolar, através da divisão desse espaço (na sala de aula, nos corredores, no espaço de recreio, no bar ou na biblioteca), a formação de grupos de sociabilidades diversificadas, com linguagem e expressões corporais próprias, que condicionam a ação social e a sociabilização entre atores, a desmotivação ou a alienação face ao espaço escolar, com impacto na assiduidade, aproveitamento escolar e na própria permanência na escola, por falta de identificação com o contexto escolar.

Igualmente a imposição de um padrão cultural pela escola, tido como universal, aceite e legítimo, que se diz neutro, mas que serve os interesses das classes dominantes representadas no poder político, bem como a perda do elo de ligação entre o aluno e o docente, são questões que devem ser ponderadas como causas para alguma insatisfação, que pode contribuir para o agravamento do ambiente que se vive no meio escolar, e ajudar ao despoletar de situações inoportunas e desajustadas ao contexto.

É urgente olhar para os fenómenos classificados de violência e/ou bullying nas nossas escolas. Para além de serem comportamentos nocivos para os agredidos, agressores, observadores e para toda a comunidade, geram sentimentos de medo e insegurança na comunidade escolar, que tem objetivos opostos, baseados na aprendizagem e formação de jovens, de acordo com os seus deveres, direitos e liberdades, em

harmonia com os outros, sem receios, intimidações ou outro tipo de comportamentos violentos e inadequados.

Esta escola, como todas as outras, tenta dotar os indivíduos com as competências essenciais, para serem cidadãos capacitados para a vida em sociedade, e essa aprendizagem é tão melhor conseguida, quanto menores forem as interferências de situações “estranhas” ao ambiente escolar, que alterem a capacidade concentração e de interiorização dos conhecimentos transmitidos.

Ainda que a instituição escola possa delinear ações positivas para a diminuição da violência, como é o caso da escola secundária onde realizei o meu estágio, que procura manter os atores escolares integrados e ocupados em múltiplas tarefas que têm como objetivo a coesão da comunidade escolar, o objeto “violência escolar” é multidimensional, pois os seus atores agem em diversos contextos da sociedade atual (alargada e massificada), que os modifica perante as situações de violência observadas no seu quotidiano, ou nos meios de comunicação social.

Capítulo I – A Violência e o Bullying

1. A violência ao longo da história

“Desde sempre o Homem exerceu e foi alvo de violência...”

Vários autores têm tentado explicar as causas para o fenómeno da violência. *Freud* é da opinião que o Homem tem uma predisposição inata para a violência, nasce e cresce num ambiente violento, porque também a sociedade é violenta.

Anna Freud (1987) aponta para o fato de o equilíbrio interno da personalidade ser perturbado, pelo meio onde se insere. Estudos realizados a delinquentes comprovaram que acontecem graves distúrbios na socialização quando a identificação com os pais é desagregada através de separações, rejeições e outras interferências com os laços emocionais existentes entre a criança e as figuras parentais. A delinquente, perpétua a atitude da criança, que ignora, menospreza, ou desobedece à autoridade parental e atua em desafio desta.

Durkeim considera que a densidade demográfica, o desenvolvimento económico, social e cultural de uma sociedade fomentam as desigualdades e consequentemente os desvios às normas (2).

A palavra **violência** é descrita em qualquer dicionário de português, como uma “qualidade ou estado do que é violento; força empregada contra o direito natural de outrem; ação que se faz com o uso da força bruta; crueldade; força; tirania; coação”. Neste sentido, a violência significa obrigar a fazer algo, utilizando a força, a coagir alguém.

Por **violência** entre semelhantes entende-se opressão, intimidação, maus-tratos físicos ou psicológicos, que acontecem de forma propositada, por vezes repetitiva, que podem prejudicar emocionalmente os indivíduos alvo desses comportamentos, levando à perda de auto-estima, ao isolamento e exclusão dos atores sociais intervenientes.

2. A violência e o bullying em contexto escolar

A *American Psychiatric Association*, (2002) define **violência** como a utilização da agressão, do poder/influência física ou psicológica, ameaça contra outra pessoa, grupo ou comunidade. O objetivo principal é ferir ou magoar tanto física como psicologicamente, com o uso de manipulação em geral, visando a demonstração de domínio e poder.

Segundo Matos et. al., (2008), existem três tipos de agressividade: a **verbal** – uso de palavras ou expressões verbais (ameaça, insulto, críticas, ...), a **física** – feita através de ataque físico (bater, pontapear, empurrar, morder, ...) e a **social** – que utiliza a exclusão social das brincadeiras/atividades propositadamente, o lançamento de boatos que podem prejudicar o indivíduo visado.

(2) As normas sociais são prescrições de comportamento. O conceito de norma social corresponde às expectativas sociais acerca do que é um comportamento adequado ou correto. A interação entre os indivíduos não obedece ao acaso; é nas normas sociais que se encontra a base necessária à interação e à ação social humana geral. Todos os grupos humanos seguem normas definidas, que são sempre reforçadas por sanções de várias ordens, de sentido positivo ou negativo, indo desde a recompensa até à desaprovação informal e à punição formal.

Olweus (1993) considera que violência ou maus tratos entre iguais é quando "um estudante é agredido ou vitimizado, quando é exposto repetida e frequentemente a ações negativas por parte de um ou mais colegas seus."

Sebastião e outros (2003) apresentam uma definição mais global, com a qual me identifico: "A violência é o excesso que, numa relação social, condensa uma visão do mundo como um espaço social, de relações conflituais que tendem para uma qualquer forma de rutura com a normalidade social considerada legítima. É uma relação que, pretendendo ser irreversível, visa a constituição de um estado de dominação, é uma relação em que a ação é imperativa".

Mas definir o que é "violência escolar" não é suficiente, para identificar rigorosamente uma qualquer situação considerada "menos correta" ou "violenta", que ocorra em ambiente escolar. Muitas vezes poderemos estar perante situações de indisciplina, que para Amado e Freire (2009) se devem graduar em três níveis: no primeiro nível verifica-se o "Desvio às regras de trabalho na aula", o segundo quando existe "Perturbação das relações entre pares" e o terceiro nível quando surgem "Problemas decorrentes da relação entre o professor e o aluno". Se no primeiro e o terceiro níveis as situações ocorrem na sala de aula e se traduzem no desvio às regras instituídas em contexto de sala de aula e, na relação entre professor/aluno, verificando-se o desrespeito do jovem pelas tarefas escolares e, o não acatar da disciplina imposta pelo professor, gerando situações de maior tensão, que poderão transformar-se num qualquer tipo de violência, entre estes dois atores. O segundo nível de indisciplina reporta-se a alterações/degradação das relações entre pares e à infração de normas e valores sociais, vigentes na comunidade onde os jovens interagem. Os comportamentos patentes neste tipo de situações, enquadram-se no conceito da violência, e reportam-se a perturbações no sistema de valores e nos padrões de conduta moral. Nas agressões entre jovens é difícil por vezes, determinar o sentido, graduar o nível de intensidade e o contexto em que ocorrem, por serem situações com características específicas.

Para existirem situações de violência, tem de existir uma relação de poder sobre o outro, enquanto que numa situação de indisciplina se verifica a não conformidade com as regras, instituídas pela comunidade escolar e pela própria sociedade (a disciplina).

Apesar de serem enumerados no regulamento da escola os direitos, deveres, as normas, regras e outros procedimentos de segurança, a serem praticados por alunos e restantes atores escolares em contexto escolar, depreende-se que o seu não cumprimento constitui infração, ao que está estabelecido pela instituição, como o comportamento correto a seguir. A sua transgressão poderá ser corrigida através da prescrição de sanções, pela aplicação do que está instituído no regulamento. Verifica-se porquanto que não se encontra suficientemente clara a diferenciação entre uma ação de indisciplina, por incumprimento de uma norma do regulamento da escola, e uma ação de violência entre atores escolares, bem como os seus níveis de gravidade, e ainda o tipo de sanção correspondente a cada tipo de situação.

Será sempre desigual, a aplicação de regulamentos e legislação pouco claros que “geram” subjetividade na caracterização, tipificação e no sancionamento ou não, de um comportamento inadequado, praticado por um aluno numa ação de indisciplina, por exemplo por desrespeito a uma ordem do docente em sala de aula, que presenciada por dois docentes diferentes, tendo em conta a vivência, experiência, nível de tolerância e capacidade de negociação de cada um deles, para “persuadir” o indisciplinado a cumprir com o que está instituído, terão certamente decisões diferentes.

O **Bullying** é um tipo de violência escolar diferente da violência comum, praticada fortuitamente. Este tipo de agressão é praticada contra as vítimas, com frequência e continuamente, durante um extenso período de tempo e, onde existe um desequilíbrio de forças entre agressor e agredido (*Sequeira: 2009*).

O termo de origem inglesa (bully = “valentão”) e refere-se a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa que não tem a

possibilidade ou capacidade de se defender, e onde se verifica uma relação desigual de forças ou poder.

O **bullying** divide-se em duas categorias: o **bullying direto**, que é a forma mais comum entre os indivíduos do género masculino e o **bullying indireto**, mais vulgar no género feminino. Tem como característica o isolamento social da vítima, pois geralmente esta teme o(a) agressor(a) face às ameaças constantes, ou mesmo a concretização da violência, física, sexual, ou ainda a perda dos seus bens, (Pereira, 2002).

O **bullying** é um problema generalizado, podendo surgir em qualquer contexto onde exista interação de pessoas: na escola, na família, no local de trabalho ou até entre vizinhos.

Esta questão emergente tem inquietado a sociedade, muitas vezes ineficaz para combater a violência repetitiva entre pares, acusando uma insuficiência de práticas, para resolver da melhor forma as situações que vão emergindo, pois muitas ficam ainda na sombra.

Em Portugal, face aos casos mediáticos visíveis através dos meios de comunicação social e à necessidade de agir, procedeu-se à alteração da legislação que “prevê a criação do crime público de violência escolar, abraçando o modelo de incriminação já utilizado pelo Código Penal, para os crimes de violência doméstica e de maus tratos”. Considera “crime de violência”, fenómenos identificados como bullying, que causam danos ou têm consequências na integridade pessoal das vítimas e no funcionamento das escolas e na vida diária das famílias”. As penas a aplicar aos jovens, vão desde “1 a 5 anos de prisão” para jovens com idade superior a 16 anos e para os menores de 12 a 16 anos serão aplicadas sanções alternativas, ou seja “medidas tutelares educativas”, em virtude destes serem considerados como “inimputáveis” pela lei penal portuguesa.

Nesta proposta de lei o “crime de violência” é definido como todo e qualquer ato e abrange desde os “maus-tratos, reiterados ou muito graves, físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações de liberdade e ofensas sexuais, a qualquer membro da comunidade escolar a que também pertença o agressor”.

Será que a aprovação de legislação contra a violência escolar “resolve” e previne a violência e/ou bullying que existem nos espaços escolares ou nas suas imediações? Se acreditarmos que regenerar, corrigir e reabilitar é possível, então as políticas de combate à violência escolar devem passar pela prevenção e só em casos extremos é que se devem empregar a opressão criminal penal e/ou correccional, ou ainda prisional.

Para “tratar” e eliminar este “problema” devemos encontrar as causas que levam os atores escolares a atos de violência, quer esta seja psicológica ou física, entre os seus pares e, refletir se os agressores não serão também vítimas do contexto, onde se inserem ou tentam inserir, se auto excluem ou são excluídos (3), pelos próprios ou pelos outros atores escolares.

Aparentemente na Escola Secundária de Benavente, adiante designada por ESB não existem situações de bullying. Poderemos pensar que a falta de denúncia deste tipo de violência continuada em que existe um desequilíbrio de forças entre agredido e agressor, poderá dever-se ao receio por parte dos atores escolares que as vivem, por estes não as percepcionarem como bullying, ou por não serem catalogadas com essa designação.

3. Violência e bullying – As Causas

As causas apontadas para a violência são inúmeras, não sendo fácil fazer uma total inventariação, mas todas as que irei enumerar podem aplicar-se ao que observei na ESB.

Conduta Desviante às normas – O INE (Instituto Nacional de Estatística), refere como causas de violência as condutas desviantes observadas nos menores, a prática de atos qualificados como crime, uso de estupefacientes e ingestão de bebidas alcoólicas e outras condutas desviantes.

(3) Para Bauman os excluídos são estranhos, indivíduos que não se encaixam na ordem estabelecida a nível "cognitivo, moral ou estético", a sua presença gera a confusão, incerteza, que dão origem ao mal-estar de se encontrar perdido, de ter transgredido os limites estabelecidos pela própria sociedade. São vistos como uma anomalia do processo civilizacional, a ser retificada. A presença dos "estranhos" e dos "diferentes" é considerada "à priori" como temporária, pois a ordem da sociedade moderna tende a extingui-los, através da absorção ou do afastamento.

A Família (4) – A deterioração do ambiente familiar e da própria família, por ser neste núcleo que as crianças e jovens adquirem os modelos de conduta que exteriorizam. A pobreza, violência doméstica, alcoolismo, toxicodependência, promiscuidade, desagregação dos casais, ausência de valores, detenção prisional, permissividade, demissão do papel educativo dos pais, etc., são as principais causas que deterioram o ambiente familiar. Normalmente, os indivíduos que vivem estas problemáticas familiares são sujeitos e alvos de violência. Há famílias que participam diretamente na violência que ocorre nas escolas e outras, impotentes para lidarem com a violência dos seus descendentes, acusam os professores de não «domesticarem» os seus filhos, instigando a agressividade e, em extrema instância tornam-se eles mesmos violentos, agredindo os indivíduos que os rodeiam;

Os dados analisados e recolhidos inicialmente na ESB, de algumas situações de violência entre alunos, presenciadas através da observação direta na escola e averiguadas junto dos restantes atores escolares (docentes, alunos, observadores), torna muito pertinente considerar que o ambiente que se vive no seio familiar, a socialização baseada em valores e princípios de cidadania, em harmonia familiar, é muito importante para a formação dos jovens. Verifica-se que os agressores não têm um ambiente familiar estável, onde possam encontrar o apoio, interesse e acompanhamento indispensável dos educadores familiares, pelas suas práticas por vezes pouco corretas.

Os alunos - O que faz com que um aluno exerça violência? Muitas vezes a raíz do problema não se centra no ensino. O jovem pode apresentar problemas que deveriam ser direcionados para a saúde mental infantil e adolescente, para a proteção social ou até judicialmente. Ainda o aumento do tempo de escolaridade obrigatória, que para alguns jovens as aulas podem ser consideradas locais de constrangimento e de repressão, por estarem obrigados a permanecer na escola contra a sua vontade. Uns acomodam-se e conseguem fazer-lo sem grandes problemas, outros revoltam-se,

(4) A família continua a ser considerada o “primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegura, por isso a ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão dos valores e normas.”, Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (1996:95).

colocando em causa as normas estabelecidas, a autoridade e insurgem-se contra os colegas e professores, em ações de poder e força física, que são consideradas pela escola como indisciplina ou violência escolar.

Os grupos e turmas (5) - enquanto conjunto estruturado de indivíduos, têm fulcral importância nos processos de socialização e de aprendizagem nos jovens. Influenciam certos comportamentos que os adolescentes demonstram, sendo o resultado de processos de imitação de outros membros do grupo.

Assistimos a uma divisão do espaço escolar, que se faz em primeiro lugar através da imposição da instituição, depois através de grupos de colegas e amigos que no espaço escolar equivalem a grupos sociais, de género ou étnicos, que têm hábitos e representações próprias, identidades demarcadas, rituais, linguagens, maneiras de ser, de estar e de agir, oriundos do mesmo nível social ou de diferentes contextos sociais.

O quotidiano escolar é rico em situações produzidas em diferentes contextos, proporcionando aos alunos experiências e vivências que desencadeiam emoções, afetos e desafetos, reprodutores de tensões entre universos culturais e simbólicos diversos, que podem subverter as lógicas instituídas. Dando lugar ao desenvolvimento de novas práticas, identidades e redes de interação, capazes de produzir novas identidades com significado coletivo, que se podem “ler” através das disposições dos indivíduos que, sob a forma de laços sociais, potenciam uma socialização por contágio no meio escolar.

Em certas manifestações públicas de violência, os jovens procuram obter segurança, respeito e prestígio reconhecido pela restante comunidade escolar. Numa sociedade onde os grupos familiares estão cada vez mais desagregados, este vazio é preenchido por estes grupos, formados a partir de interesses e motivações diversas.

(5) Conjunto de alunos de um estabelecimento de ensino agrupados em função de uma ou mais características comuns, nomeadamente o ano de escolaridade, o tipo de curso ou a área de estudos (definição do INE – Instituto Nacional de Estatística).

A escola - No passado, e ainda hoje se regista, que alunos com menos capacidades intelectuais são estigmatizados (6), esquecidos no fundo das salas de aula.

A anomia, o desinteresse, a desmotivação e a revolta de alguns alunos, que não se conseguem integrar no ambiente escolar, podem exteriorizar-se sob a forma de comportamentos classificados como indisciplina, *violência* ou *bullying*. Os atores que não se conseguem integrar, normalmente constituem pequenos grupos de iguais na diferença e, rebelam-se contra colegas, docentes, profissionais escolares e contra a própria escola, que são forçados a frequentar, até à idade legalmente instituída, desenvolvendo contra-culturas escolares que se manifestam, nas atitudes e comportamentos face aos outros atores no seio da comunidade escolar e, que por estarem em desacordo com a cultura escolar estabelecida, chocam com a estrutura, o universo simbólico e o poder instituído na escola. Na ESB como em qualquer outra escola existem os grupinhos que se indisciplinam, em contexto de sala de aula contra as regras impostas, e que se impõem a outros jovens, muitas vezes através da violência, nos espaços de recreio, no bar ou nas imediações da escola.

4. Breve resumo da investigação existente sobre a violência escolar e o bullying

Podemos constatar que as orientações políticas do estado português, sobre esta temática são muito semelhantes às que são tomadas em países como a Alemanha, Finlândia ou Reino Unido.

Apesar da violência entre pares ser muitas vezes considerada "normal" no contexto escolar, de atos violentos com maior gravidade, aparecerem esporadicamente nas escolas e ainda que o tipo de violência mais registado é o da violência verbal, o estado português tem vindo a preocupar-se com este problema, tendo criado o OSE - Observatório de Segurança Escolar, as escolas TEIP - Territórios Educativos de

(6) Considera-se estigmatizante qualquer característica, não necessariamente física ou visível, que não se coaduna com o quadro de expectativas sociais acerca de determinado indivíduo. Todas as sociedades definem categorias acerca dos atributos considerados naturais, normais e comuns do ser humano - o que Goffman designa por identidade social virtual. O indivíduo estigmatizado é aquele cuja identidade social real inclui um qualquer atributo que frustra as expectativas de normalidade. Goffman distingue três tipos de estigma: as deformações físicas (deficiências motoras, auditivas, visuais, desfigurações do rosto, etc.), os desvios de carácter (distúrbios mentais, vícios, toxicodependências, doenças associadas ao comportamento sexual, reclusão prisional, etc.) e estigmas tribais (relacionados com a pertença a uma raça, nação ou religião).

Intervenção Prioritária, projetos como o da Escola Segura, procurando estar atento e analisar periodicamente a situação existente ao nível do país, através do registo das ocorrências comunicadas ao Ministério da Educação ou das notícias vinculadas pelos media, numa tentativa de encontrar soluções para atenuar este problema.

Os estudos analisados apontam para o aumento da violência escolar a partir do meio da década de 80/início dos anos 90. No entanto verifica-se que o aumento da violência escolar é inferior ao da violência juvenil, cuja visibilidade aumenta muito significativamente nos média.

Quanto às causas, podemos verificar que as opiniões são unânimes em todos os estudos realizados sobre esta temática, em qualquer dos países que efectuaram várias investigações. Estes estudos mostram que o aumento das situações de violência no contexto escolar têm múltiplas causas, que se interligam numa teia complexa, que origina a “explosão” violenta do agressor sobre os agredidos. Algumas das causas apontadas ao aparecimento e crescimento da violência escolar são: a violência parental, a debilidade económico-financeira da família, a matriz da educação familiar instável/irregular, aliada a níveis de instrução baixos, a ausência de estímulos positivos, o fraco autocontrolo, a inserção em grupos de pares violentos, a tensão social e exclusão dos diferentes/estranhos e a influência dos média que contribuem para a rotulagem dos jovens intervenientes, que ficam expostos na sociedade.

Nestes estudos as causas ligadas a uma maior probabilidade de um jovem ser agredido pelos seus pares, são o isolamento e falta de popularidade junto dos seus pares, poucos amigos, fraca auto-confiança, conduta defensiva, propensão para a depressão, e ainda a sua matriz de educação familiar pouco flexível (rígida).

Em todos os estudos, o género masculino destaca-se em ambos os papéis, quer seja no de agressor ou de agredido. *Freire: 2001, Carvalho & Matos: 2001*, concluem que o género feminino é vítima de violência por ambos os géneros e quase sempre por jovens mais velhos.

O *Relatório da UNICEF Innocenti Card 7 (United Nations Children's Fund, 2007)* refere que o bullying/violência escolar é um problema internacional e transversal na sociedade dos nossos dias, atinge mensalmente cerca de um terço dos jovens e para

quase 11% deles, a violência exercida pelos seus pares, é grave quer seja psicológica ou física e é exercida várias vezes no mês.

Em Portugal, foram efetuados por *Pereira, Almeida, Valente & Mendonça: 1996*, talvez os primeiros estudos a alunos do 1º e 2º ciclos do ensino básico, e concluíram que cerca de 21% eram atores em situações de violência escolar.

Veiga Simão, Freire e Sousa Ferreira: 2004, realizaram um estudo numa escola portuguesa, e apontam para 7% de situações de violência em contexto escolar.

Mais recentemente *Matos, Tomé, Gaspar, Camacho, Ferreira, Borges e Morais: 2008*, elaboraram um estudo sobre esta temática, que fez parte da investigação da *Organização Mundial da Saúde/HBSC*, com uma amostra de 4877 alunos do 6º, 8º e 10º ano de escolaridade, concluindo que cerca de 20,6% dos jovens foram protagonistas em situações de violência, uma ou mais vezes por mês, 6,3% dos jovens assumem-se como agressores, 9,4% como agredidos e 4,9% que admitem terem estado em ambos os papéis.

Capítulo II – A Instituição e o Meio

1. A Escola e a Comunidade

1.1 - A comunidade

A Escola Secundária de Benavente, encontra-se localizada no concelho e freguesia de Benavente.

Benavente foi fundada em 25 março de 1200, encontra-se junto ao rio Tejo, muito próximo das cidades de Lisboa e Santarém. Dispõe de bons acessos rodoviários, é uma vila pacata, onde imperam as tradições populares ligadas ao folclore, feiras e festas populares. A vila conta com muitas associações e coletividades, que mobilizam as suas gentes, para a prática de desportos e atividades culturais diversas. Dispõe de um centro cultural onde existe cinema e são realizados variados espetáculos, ligados ao teatro ou a comemorações diversas que ocorrem durante todo o ano. A sua população, anteriormente ligada à agricultura e criação de gado, encontra-se atualmente dispersa pelo setor dos serviços, comércio e administração e tem

aumentado, por receber continuamente gente de outras regiões do país, e de imigração dos diversos continentes.

2. A ESB - Escola Secundária de Benavente

A ESB foi um antigo colégio particular, de N^a S^a da Paz (inaugurado em 1957). Como única escola secundária no concelho, antes de 1974, teve um papel importante nesta região por ter permitido o acesso à cultura e ensino, pelos que dispunham de capacidade económica para o fazer. O colégio foi considerado “uma estrutura organizada” e escola de referência por se nortear por comportamentos onde imperava a disciplina. Mais tarde (1975), foi tornada escola pública, (desconhecendo-se os pormenores da mudança), aberta a todos os alunos de todos os estratos sociais e económicos e, embora tenha sido alterada a sua estrutura, procurou manter o rigor, a seriedade e o espírito coletivo no trabalho que desempenha, em prole do sucesso dos seus alunos.

Atualmente conta com 636 alunos distribuídos pelo 2^o, 3^o ciclos e Ensino e Formação de Adultos que funciona no período noturno com 17 alunos (12 do género masculino e 5 do género feminino). O período diurno é frequentado por 619 alunos (291 do género masculino e 328 do género feminino) distribuídos por trinta e duas turmas do Ensino Regular, Ensino Profissional e Cursos de Educação e Formação. No 2^o ciclo existem 80 alunos (35 do género masculino e 45 do género feminino) que integram duas turmas de 7^o ano e duas de 8^o ano. No 3^o ciclo conta com 539 alunos (252 do género masculino e 287 do género feminino), distribuídos pelo 10^o, 11^o e 12^o ano do Ensino Regular (dezanove turmas, no total de 395 alunos, 160 do género masculino e 235 do género feminino), Ensino Profissional (seis turmas, no total de 96 alunos, 59 do género masculino e 37 do género feminino) e Cursos de Educação e Formação (três turmas no total de 48 alunos, 33 do género masculino e quinze do género feminino).

2.1 - As instalações físicas

A escola esteve degradada muitos anos, com deficiências a nível do edifício, das salas em pré-fabricado de madeira, e outros equipamentos de apoio a alunos e pessoal docente e não docente, embora funcionasse sempre, graças ao esforço da sua direção, corpo docente e pessoal não docente.

Com o projeto da empresa Parque Escolar foi possível remodelar esta escola tornando-a mais funcional, com melhores e mais amplas instalações.

A escola dispõe de um enorme pavilhão desportivo, campo de jogos no exterior, laboratórios, bar, salas de aulas distribuídas por dois pisos e oficinas de apoio aos cursos profissionais e de educação e formação que funcionam nesta escola. (ver Anexo B_ESB - projeto_o antes_e_depois / Anexo B.1_Parque escolar_Prog Modern escol ensin secund_ESB)

2.2 - Os profissionais – docentes e não docentes

O corpo docente da EBS é constituído por 77 professores, sendo 20 do género masculino e 57 do género feminino, 43 pertencentes ao quadro da ESB e 34 contratados, distribuídos pelos seguintes grupos:

Código	Grupo	Total professores	Género masculino	Género feminino	Vínculo	
					Quadro	Contratados
290	EMRC a)	1	1	-	-	1
300	Português	13	1	12	10	3
330	Inglês	7	1	6	5	2
400	História	4	-	4	-	4
410	Filosofia	4	2	2	4	-
420	Geografia	4	2	2	2	2
500	Matemática	8	1	7	5	3
510	Físico-Química	6	-	6	3	3
520	Biologia e Geologia	7	3	4	5	2
530	Educação Tecnológica	2	1	1	2	-
540	Eletrotécnica	1	-	1	-	1
550	Informática	1	1	-	1	-
600	Artes	1	-	1	-	1
620	Educação Física	8	4	4	5	3
910	Educação Especial 1	2	-	2	-	2
930	Educação Especial 3	1	-	1	-	1
	Profª Bibliotecária	1	-	1	1	-
	Técnicas Especiais	6	3	3	-	6
Total		77	20	57	43	34

a) Educação Moral e Religiosa Cristã

O pessoal não docente é formado por 28 profissionais: 1 Técnico Superior, 9 Assistentes Técnicos e 18 Assistentes Operacionais, 20 pertencem ao quadro dos ESB, 4 estão contratados e 3 com Contrato Emprego Inserção (CEI). (Anexo I)

2.3 – O Plano de Atividades da ESB para 2011/2012

“Trata-se de um documento dinâmico, participado, que procura promover um ensino de qualidade, numa escola inclusiva, em interação com todos os membros da comunidade educativa. Muitas das iniciativas calendarizadas integram-se na dinâmica pedagógica da escola como um elemento de valorização de experiências e saberes de enriquecimento mútuo.” (Plano de Atividades da ESB 2012/2013)

A ESB dispõe de instrumentos de trabalho, no âmbito da planificação de diversas atividades com os alunos e docentes, durante o decorrer do ano letivo, que beneficiam a interação entre atores escolares.

O seu Plano de Atividades (**Anexo D**) une esforços entre a Direção, a Biblioteca Escolar, os Departamentos Curriculares/Grupos de Recrutamento, e os Clubes e Projetos. Esta congregação de energias e forças de vontade, pretende incutir nos alunos e restantes atores escolares a motivação, interesse e dinamismo que devem existir na troca de conhecimento, educação e valores, que a escola transmite e recebe.

Desde visitas de estudo de âmbito cultural, de informação e inserção no mundo do trabalho, de cariz histórico, científico entre outros, às atividades desportivas, literárias, lúdicas e de informação universal atual sobre comportamentos e problemas sociais, de saúde pública ou ambientais, a escola pretende com este leque alargado de atividades integrar atores e comunidade num projeto comum, onde todos se devem considerar uma parte importante e onde se sintam compreendidos **(9)**.

(9) As atividades apresentadas tiveram como orientação a articulação com o Projeto Educativo e Curricular, tendo como finalidade atingir em maior ou menor escala as seguintes metas: Construir uma prática educativa centrada na formação para a cidadania, Incentivar projetos ligados à cultura, ao desporto, à saúde e ao ambiente, Promover a melhoria das relações humanas e profissionais, Desenvolver a capacidade de aceitação da heterogeneidade social, Proporcionar uma oferta educativa diversificada, sólida e exigente, Potenciar o papel de clubes e projetos, Promover ações conducentes à diminuição do insucesso escolar, Promover a formação de pessoal docente e não docente, Intensificar a corresponsabilização das famílias, Fomentar a relação escola-comunidade. As atividades a desenvolver, que se pretendem centradas no aluno, devem ter em conta a visão que queremos para esta escola, uma escola de referência que trabalha para a excelência, a promoção do sucesso educativo e o reconhecimento do mérito. Pretende-se que as atividades apresentadas possam satisfazer os anseios, necessidades e expectativas dos vários setores desta comunidade educativa e que visem: Participação/envolvimento dos alunos, A possibilidade de desenvolvimento de competências pessoais/sociais dos alunos, Aquisição de conhecimentos, Socialização e integração dos alunos, A promoção de hábitos de vida saudável, Sensibilização para uma escola inclusiva e a partilha de experiências diversificadas.

2.4 – O Projeto Educativo e Curricular da ESB para 2010/2013

“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”, Nelson Mandela

A ESB conta com um projeto educativo e curricular arrojados que se centram em metas e formas de ação ligadas à formação de cidadãos capacitando-os com os instrumentos que a educação pode oferecer.

Ligados à *“formação para a cidadania, no respeito e na liberdade, autonomia, solidariedade, tolerância e crítica responsável”, à “cultura, ao desporto e à saúde e ao ambiente”, promover a “melhoria das relações humanas e profissionais entre todos os intervenientes no processo educativo”, “ações conducentes à diminuição do insucesso escolar”, a “formação de pessoal docente e não docente”, desenvolver a capacidade de “aceitação da heterogeneidade social”, proporcionar uma “oferta educativa diversificada, de índole académica e profissionalizante, sólida e exigente, que garanta o prosseguimento dos estudos e/ou facilite a transição e inserção no mundo do trabalho”, potenciar o “papel de projetos e/ou clubes, enquanto núcleos fundamentais de dinamização pedagógica e didática”, intensificar a “co-responsabilização das famílias e a sua participação no sucesso educativo dos discentes”, fomentar a “relação escola/comunidade”, procurando “rentabilizar os equipamentos e recursos disponíveis”. (Anexo C)*

Capítulo III – A minha Investigação

1. A minha proposta de investigação no terreno: os objetivos da investigação

Poderei não acrescentar muito mais ao que já foi investigado, sobre violência escolar e/ou bullying, mas o trabalho desenvolvido na ESB valerá por si mesmo, pelo meu esforço pessoal e pelas conclusões sobre o tema em apreço, possibilitando à entidade que me acolheu – a ESB, fazer um balanço sobre a violência escolar e/ou bullying nesta escola, as representações/considerações sobre as situações violentas que ocorrem e quais as opiniões sobre as ações a desenvolver para melhorar ainda mais, o ambiente que se vive nesta escola.

Proponho-me investigar no “terreno” as dinâmicas de sociabilidade escolar, que propiciam a interação e levam à manifestação dos atores escolares, no sentido de

decifrar os comportamentos dos alunos, quer sejam agredidos, agressores ou observadores de **violência escolar** e/ou **bullying**.

Procurarei analisar as suas reações, tentando compreender que valores ou juízos de valor, motivos e quais os sentidos que atribuem às suas atitudes, tão diferenciadas.

Os motivos que são apontados pelos alunos, como os “rastilhos” que desencadeiam o conflito entre pares, promovendo atitudes agressivas (verbais, físicas, sociais), de forma continuada, que levam agressores a manifestações de poder, dominação, força física, coação, intimidação, opressão, perjúrio e exclusão social, dos alunos agredidos.

Compreender e explicar a atitude dos alunos que testemunham este tipo de ações, classificadas como violência e bullying, em que alguns manifestam medo dos seus agressores, outros, receio dos atacantes, por se poderem tornar os próximos, e que por isso mantêm uma certa neutralidade. E outros, que incitam os pares à violência, provocando este tipo de incidentes no contexto escolar, absorvendo a adrenalina do momento.

E ainda, que formas de mediação/negociação são usadas pelos alunos para gerir o conflito entre pares, de modo a evitar a violência e/ou bullying em contexto escolar.

Será importante no decorrer da investigação compreender e identificar:

1. As relações, comportamentos e interação entre alunos, que possam ser caracterizadas como violência e/ou bullying.

1.1 Identificar os diferentes tipos de agressão que ocorrem em contexto escolar

1.2 Identificar os locais onde ocorrem situações de violência com maior frequência

1.3 Compreender as atitudes e reações dos intervenientes nas situações de violência (agressores, agredidos, assistentes dos agredidos, assistentes do agressor(es), observador(es))

2. As causas ou motivações exteriores ou interiores ao indivíduo, que acionam mecanismos capazes de provocar, de forma regular, atitudes violentas.

3. Se existem características específicas nos agressores e vítimas, que os identificam como tal: representações de si, do outro e da sociedade, linguagem e uso do próprio corpo.

4. Que representações e sentidos são atribuídos pelos alunos, aos atos de **violência** e/ou **bullying** em contexto escolar, quer estes ocorram na sala de aula, no recreio ou noutro local.

No terreno onde decorrerá a investigação procurarei através da análise dos dados recolhidos, verificar se os comportamentos vulgarmente classificados como violência, tendem a ocorrer de modo diferenciado, consoante a distribuição das famílias na estrutura de classes, e se têm a sua origem na comunidade escolar ou são de origem externa à escola.

2. O Método utilizado e o desenho da investigação

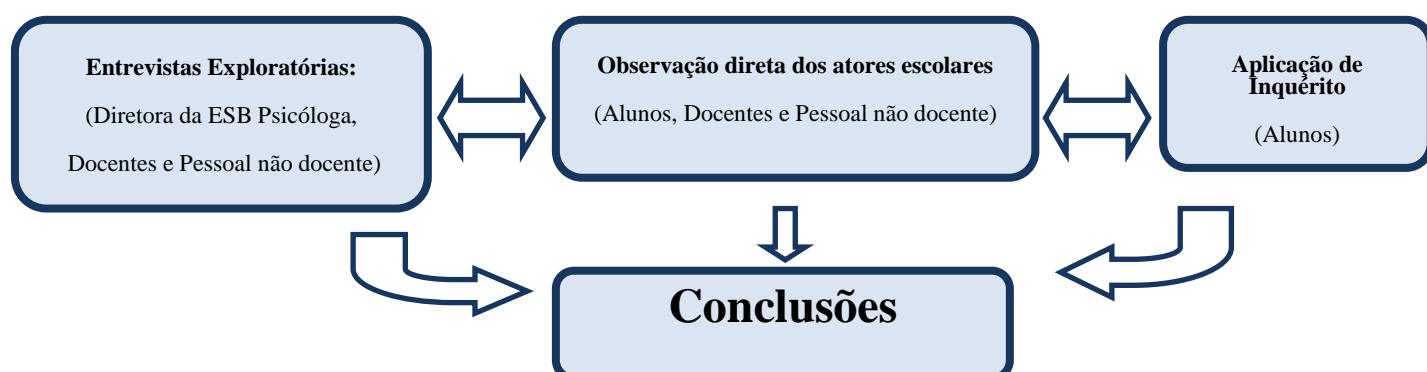
A metodologia a utilizar será mista, quantitativa e qualitativa. Foi utilizado o método de amostragem não-probabilística por conveniência. O modelo de análise será constituído por três momentos:

- Numa primeira fase, serão realizadas entrevistas exploratórias à Diretora da ESB, à Psicóloga da ESB, aos docentes e ao pessoal não docente, para identificação dos alunos que a escola considera terem comportamentos inadequados em contexto escolar, nomeadamente o meio envolvente a nível familiar, escolar e social, de modo a proceder à escolha da amostra para a investigação no terreno, de acordo com os objetivos do estágio e os interesses da própria escola.

- Na segunda fase será efetuada a observação direta aos atores escolares identificados (alunos das turmas selecionadas), durante a sua permanência no meio escolar (dentro do perímetro e nas imediações da ESB), tentando perceber as atitudes do adolescente, que na fase de formação da sua personalidade tentam superar as tarefas próprias da adolescência, e que por vezes, não são conseguidas da melhor forma. (10)

(10) Ver o Anexo II – O desenvolvimento da identidade no adolescente segundo Neuenschwander: 2002 e a contribuição da escola para o bem-estar do adolescente segundo Ryzin, Gravely & Roseth: 2009.

- Na fase final será efetuada a aplicação de inquérito aos atores escolares em análise – os alunos.



3. O Porquê desta amostra

Chegada à Escola Secundária de Benavente, após conversa com a diretora da escola, Prof^a Adelaide Carvalho, foi-me sugerida uma amostra de alunos, identificados como os mais “problemáticos” e que surgiam muitas vezes em situações de inadaptação ao meio escolar, violência para com os seus pares, docentes e profissionais não docentes da escola – as três turmas de CEF (A1, B1 e C1).

Mais tarde o leque foi alargado a turmas do 7º, 8º e 10º ano (6 turmas de ensino regular e 4 turmas de cursos profissionais), num total de 373 alunos, 58,65% do global dos 636 alunos da ESB, que frequentam o período diurno (o período noturno é frequentado por uma turma de alunos EFA – Educação e Formação de Adultos, constituída por 17 adultos).

A amostra final foi constituída pelas turmas selecionadas: as turmas que após o 9º ano concluído numa Escola Básica 2,3 iniciam o 10º ano na Escola Secundária e que, como ano de mudança e de adaptação à nova escola, rotinas e conteúdos científicos mais complexos, colegas novos e numa fase da sua adolescência de maior afirmação e instabilidade, ocasionam alguns “contratempos” na socialização com os novos colegas, professores e outros profissionais da escola.

As turmas de 7º e 8º anos, por serem turmas que iniciaram este ano letivo na Escola Secundária, (por falta de salas nas instalações da EB 2,3 de Benavente) que por serem alunos muito mais novos que os de secundária, sentem algumas dificuldades de inserção no meio escolar que os envolve.

E, por fim as turmas de CEF – Curso de Educação e Formação, por serem maioritariamente constituídas por alunos cujo percurso escolar não é regular, não gostam de estudar e preferem conteúdos mais práticos e menos teóricos. São considerados alunos mais problemáticos pela diretora da escola, por terem mais casos de indisciplina e situações de violência entre pares.

Dos 373 alunos previstos, 92 (24,66%) não preencheram o inquérito, por não terem autorização por parte de pais/encarregados de educação ou faltaram no dia de aplicação deste.

Desde já verifica-se o receio por parte de encarregados de educação e pais, em deixar os seus educandos participar num estudo atual e que merece da parte dos educadores a melhor atenção.

4. Os Instrumentos da Investigação no terreno

4.1 - Os procedimentos adotados

As “conversas” com os profissionais escolares: Diretora, psicóloga e orientadora de estágio da entidade, docentes e pessoal não docente, decorreram desde o início do estágio e continuaram de modo regular.

A observação direta dos atores escolares iniciou-se com o começo do estágio e decorreu dentro da maior normalidade junto de alunos, docentes e pessoal não docente.

A aplicação do questionário careceu de autorização prévia dos pais e encarregados de educação, que na maior parte permitiu a participação dos seus educandos neste estudo.

O questionário mereceu a aprovação dos orientadores de estágio, da FCSH – Dr. José Manuel Resende e da ESB – Dr^a Célia Madruga, e ainda da Direção da escola, na pessoa da sua Diretora – Prof^a Adelaide Carvalho.

Os dados recolhidos através do questionário foram tratados nos programas Excel e no IBM SPSS Statistics 19.

4.2 - “Ver para crer” - a observação direta

Durante o período de observação dos atores escolares deparei-me com três momentos de acreditação: o primeiro - “quem é esta e o que faz aqui?”, o segundo - “será que posso ser natural?” e o último - “afinal este estudo até é importante para nós”.

Alunos, docentes e outros profissionais da escola inicialmente mostraram-se reservados por ter “invadido” o seu espaço, mas gradualmente, graças à minha disponibilidade em informar e pedir para fazerem as perguntas que entendessem, senti-me aceite por todos, embora algumas das minhas solicitações para a recolha de informação referente aos procedimentos disciplinares de alunos, não fossem satisfeitas na íntegra.

Quer os observados (todos os alunos da escola) quer os alunos sujeitos à aplicação do questionário, demonstraram interesse e boa vontade no preenchimento, interrogando e pedindo algumas informações sobre as questões a responder, que após o seu esclarecimento foram prontamente respondidas.

4.3 – Perguntas e mais perguntas – O Inquérito e as Variáveis

Foi utilizado como instrumento de recolha de informação o inquérito por questionário.

Na elaboração do inquérito (*Ghiglione e Matalon, 2001; Lima, 1981*) procurei formular questões claras com linguagem simples e acessível, distribuídas por seções que abarcam todas as dimensões a investigar, numa adaptação do questionário elaborado por *Freire, I. e Veiga Simão, A.M. (2005)* para o estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – aferido para a população portuguesa.

A preparação final do questionário, teve em atenção a sua organização em seções, a inserção de instruções de preenchimento e de introdução das questões a abordar e uma coluna lateral destinada à codificação da respetiva questão. Foi elaborada a versão final após um pré-teste e a revisão do questionário com vista à adequação de algumas questões. Foram igualmente tidas em conta as condições de aplicação do inquérito aos alunos, em sala de aula, em virtude de no recreio, o local onde estes provavelmente se sentem menos constrangidos, iria ter mais dificuldade na sua aplicação, devido à dispersão dos alunos da amostra.

O questionário (**Anexo A**) foi construído e dividido em seções, tendo em conta as dimensões, que seguidamente se enumeram, cujas respostas depois de aferidas, deverão permitir analisar e caraterizar o objeto da violência escolar na ESB:

Na seção **A – “Quem és?”** – as variáveis demográficas, que permitem recolher um conjunto de informações sobre os alunos (agressores e agredidos), a caraterização da conjuntura familiar, quanto à sua estrutura, nível socioeconómico e cultural, género, idade, percurso escolar, entre outros (ano escolaridade, idade, género, onde nasceu, a profissão do pai e da mãe, habilitações literárias do pai e da mãe, local de nascimento do pai e da mãe, situação civil dos pais, se tem irmãos e quantos, com quem vive durante os períodos letivos e a opinião que o aluno tem sobre a sua família).

A seção **B – “O que pensas sobre os outros?”** – recolhe a opinião do aluno sobre o Ambiente Escolar e que poderá dar a conhecer as perceções dos alunos sobre a sua relação com os outros: o “ambiente que se vive na escola”, o que “pensa sobre o relacionamento entre os colegas de turma” e o seu “relacionamento com colegas da sua turma”.

Na seção **C – “És vítima?”** – A Vitimização, que permitirá a identificação de situações e casos de agressão/violência, nomeadamente quanto ao tipo, frequência com que ocorrem, os locais, as atitudes dos indivíduos, as consequências e a perspetiva dos alunos em relação ao outro ou outros, procurando saber se o aluno se considera agredido de uma ou várias agressões identificadas (verbais, contra a propriedade, indiretas ou relacionais e, agressões físicas), por parte de colegas da sua escola ou de outra, no recinto da escola ou nas suas imediações, o “género” e a “idade” do agressor, “quantas vezes foi vítima”, “quem presenciou a ocorrência”, “qual a atitude dos observadores” e o “local da ocorrência”.

A seção **D – “Viste alguém ser vítima?”** – A Observação: pretende indagar se o aluno presenciou alguma situação de agressão na escola ou nas suas imediações, que atitude tomou e o local de ocorrência.

A seção **E – “És agressor?”** – Permitirá a recolha de informação do agressor relacionada com o tipo de situação de agressão, a frequência com que ocorrem, os locais, as atitudes dos indivíduos, consequências, e ainda a perspetiva de uns em

relação aos outros. Pretende apurar se o aluno “teve alguma atitude agressiva para com os colegas” quer seja verbal, física, contra a propriedade, indireta ou relacional, “quantas vezes foi agressivo”, o “local” da ocorrência, se continua a “perseguir ou agredir” os colegas, a “razão” porque, em seu entender, se comporta com violência para com os outros, o que “sente quando agride os colegas”, o “gênero” e a “idade” do colega que agride, se alguém presenciou a situação de agressão, “que atitude teve” e ainda se o aluno quer ter um “comportamento diferente”, o que fez para “mudar”.

A seção **F – “Opinião sobre agressividade/violência”** – A Auto-Reflexão sobre a violência escolar e/ou o bullying, que irá possibilitar a obtenção de informações sobre emoções, competências, estratégias para lidar com as situações de conflito e ainda a própria auto-avaliação dos indivíduos questionados. Procura aferir as opiniões sobre a “agressividade na escola”, se o aluno se considera “vítima de agressão”, se os colegas o consideram “agressivo”, o que “pensa quando é agredido”, “quais as razões que levam a situações de agressão na escola”, qual a atitude que o aluno toma quando é agredido por colega(s) e ainda se já “pediu ajuda a alguém para resolver e superar este problema” e em caso afirmativo “a quem”.

Finalmente a seção **G – “Atitude/ações para reduzir violência”** – As formas de mediação/negociação encontradas pelos adolescentes para gerir o conflito entre pares, nomeadamente, a violência e/ou bullying em contexto escolar. Apreende as opiniões do aluno sobre a sua “atitude se está numa situação em que é agredido por colega(s)”, a sua “atitude se está junto de colegas em situação de agressão, para tornar o seu comportamento mais pacífico e harmonioso”, que “procedimentos devem ser tomados na escola, para que todos os colegas se relacionem em harmonia” e ainda “que ações podem ser realizadas na escola, de modo a reduzir as situações de violência entre alunos”.

Capítulo IV – Apresentação e Discussão de Resultados

1. As conversas com ...

Quando falei com a psicóloga da Associação PAR, que se encontrava a desenvolver o Projeto Liga-te, com alunos das turmas CEF, para aquisição de competências sociais, foram-me apresentadas as turmas A1, B1 e C1, como sendo turmas com aluno(a)(s)

problemático(a)s, em virtude de contarem no seu historial com insucesso escola. Não gostam de estudar, e a maior parte só pretende terminar a escolaridade obrigatória, por imposição familiar e/ou legal, levando muitas vezes os jovens a mostrarem comportamentos de insatisfação que se refletem em situações de indisciplina e violência para com outros atores escolares.

A turma A1, formada unicamente por raparigas é calma, sem problemas graves de comportamento, mostrando alguma indisciplina e desmotivação pelas aulas.

A turma B1, composta por rapazes é a mais complicada. Inicialmente era uma turma calma, mas com a chegada de um elemento novo em meados de setembro/2011, o seu comportamento alterou-se para pior. O aluno em questão tornou-se líder de um grupo de colegas, desencadeou ações de contestação na turma e comportamentos inadequados e indisciplinados em contexto de sala de aula, trazendo também para a escola problemas exteriores a esta, em virtude de ter praticado comportamentos não aceites pela sociedade (violência verbal e física, furto).

A turma C1, constituída por rapazes, regista alguns problemas de comportamento, sem grande significado ou dimensão, mas a ter em atenção.

Este projeto baseado na aquisição de competências sociais deu os seus frutos e verificaram-se melhorias no comportamento dos alunos que integraram o mesmo. **(Ver o Anexo III)**

Em conversa com os Diretores das turmas acima identificadas, foram confirmadas as informações recolhidas junto da psicóloga da Associação PAR. Qualquer uma das diretoras das turmas A1 e B1 e o diretor da turma C1, demonstraram competência, sensibilidade e vontade em lidar com os problemas associados a alguns alunos destas turmas, “trabalhando” os jovens e as suas famílias para um objetivo comum: inserir o jovem no contexto escolar, de modo a que este atinja o sucesso escolar e, se sinta parte importante na comunidade escolar.

2. “Ver para crer” - a observação direta

O campo escolar facilita práticas culturais diferenciadas, construídas através de formas de mediação e representações sociais quotidianas. Ele é socialmente construído

através das interações, práticas e representações dos seus atores sociais, nos diferentes cenários, uns pré-existentes (sala de aula, bar, sala dos professores, secretaria), outros construídos pelos próprios alunos, que formam grupos de sociabilidades diversificadas, com espaços de face a face (fachada) e espaços de bastidores ou background, uns promovem a exposição e outros protegem-nos de olhares “indiscretos”, mas que têm fronteiras fluidas, linguagem e expressões corporais próprias, que permitem por um lado a entrada em palco e por outro o retirar da máscara e o descanso da personagem, com um papel que representam no teatro da ação face ao(s) outro(s) (Lopes: 2003).

Durante o tempo em que estive na escola, pude observar atentamente os alunos, que durante os intervalos eram vigiados pelo(a)s profissionais não docentes incumbido(a)s dessa tarefa.

No 1º período, os alunos encontravam-se em tempo de adaptação à escola, aos colegas, docentes e profissionais não docentes, ao espaço físico **(11)** e comunidade onde se insere a ESB. Pude presenciar algumas situações de violência verbal e os problemas exteriores à escola virem para o seu interior, provocando o desequilíbrio do ambiente no seio escolar.

A atitude de docentes para com os seus alunos, de compreensão, fomentando o diálogo, a orientação das ideias destes para projetos comuns da turma, como motivação e no intuito de lhes inculcar a vontade de adquirir conhecimento.

(11) Os edifícios escolares, espaços físicos têm uma linguagem própria, muda, que constrange e delimita os atores escolares nos diferentes espaços pré-existentes, mas que ganham “voz” e visibilidade através da interação dos seus atores, tendo em conta as “formas de consumo, apropriação e reflexão reprodutora/transformadora por parte dos sujeitos sociais enquanto agentes pensantes e actuantes” (Lopes: 1997: 98,101). O espaço físico da escola, como estrutura exterior, pré-existente é um produto que é construído para funcionar como edifício de funções específicas, impõe-se à priori e determina o quotidiano escolar, podendo estar na génese de sentimentos de alienação, comparação e de uma estranheza própria do “estrangeiro” que “visita” o espaço muito diferente do espaço escolar que frequentou anteriormente, que face à sua apreensão (pelos atores escolares), por ser uma estrutura complexa e palco de constrangimentos que se devem não só à morfologia do edifício (arquitetura, pintura, decoração interior e exterior, espaços lúdicos e de lazer), mas também à multidimensionalidade de fenómenos sociais que se misturam em diversificados espaços territoriais (Lopes: 1997: 104,105).

Assisti ainda a alunos mais “rebeldes”, sem vontade sequer de assistir à aula, serem encaminhados pelo professor (Diretor de Turma), do espaço de recreio (a zona das mesas de ping-pong) até à sala de aula, numa tentativa, com sucesso, de ter o aluno inserido na turma, e no seu grupo de estudo.

A escola conta com duas mesas de ping-pong onde diversos alunos se divertem durante o intervalo e nos “furos” do horário escolar. Outros ficam pelo átrio central exterior, pelo bar, corredores (também eles vigiados) ou no exterior da escola, do outro lado da rua junto ao café, onde podem fumar, prática proibida na escola. Juntam-se em grupinhos onde confraternizam de forma animada e ruidosa ou jogam cartas. A interação no espaço escolar é feita através de dinâmicas de sociabilidade, onde existe interação, fechamento, exclusão, emoção e negociação (12). A socialização escolar (12.1), nomeadamente a estruturação de relações de convivialidade é muito importante para a maior parte dos jovens que a reconhecem como a dimensão mais importante do seu quotidiano escolar (Lopes: 1997).

No 2º período os alunos regressaram mais calmos e mais interessados na escola, não direi tanto nas matérias, mas em ver novamente os colegas. Estão mais integrados na turma e nos grupinhos constituídos no 1º período, e que se dividem geralmente por género. Eles apresentam-se de forma mais prática e desportiva (ténis, calça de ganga, camisola e blusão) mas a darem o seu toque de originalidade na sua apresentação ao outro, numa tentativa de criar as condições ideais ou desejáveis para serem aceites pelos outros.

(12) Nem o espaço escolar, nem os jovens que o frequentam são “neutros”, a comunicação/interação entre o espaço e o(s) outro(s) com quem é partilhado, faz-se através de um conjunto de representações, próprias das suas “pertencas sociais” e que são produzidas pelos atores, que as articulam e reproduzem em “atividades de comunicação” e linguagem próprias da sua origem social, que é igualmente importante na apreensão cognitiva do espaço social escolar – vivências e rotinas quotidianas (Lopes:1997:103).

(12.1) Pais, (1993:55,56) define socialização a nível coletivo, para analisar numa sociedade os ordenamentos sociais possíveis pela transmissão de normas e a nível microssociológico, utiliza o conceito para a partir deste entender como essas normas, ou outras criadas em alternativa, são reproduzidas ou modificadas pelos indivíduos. Para qualquer destes sentidos, Pais entende a cultura como um conjunto de significados partilhados, que fazem parte de um conhecimento quotidiano e interroga-se se os jovens partilham os mesmos significados, se sim será que as suas ações têm formas semelhantes, ou por outro lado qual a razão porque partilham ou não, de forma semelhante ou distinta, determinados significados. Na escola os jovens que partilham o sentimento de não conformidade com as desigualdades sociais que se manifestam nos atores escolares, agrupam-se e promovem ações de confronto com a cultura instituída (Pais, 1993:37-48).

Elas, mais “fashion”, elegantes, e mais elaboradas na forma de vestir e de se apresentarem aos outros: calça ou calção e camisolas justas, blusão ou casacos compridos, tênis ou botas e muitos adereços, que espelham a vaidade do gênero feminino.

Pode-se concluir que o espaço escolar é produto e produtor de representações. As vivências escolares são experimentadas pelos indivíduos com base no seu habitus (12.2) social e cultural caracterizado por *Bourdieu*, mas que também ele difere de indivíduo para indivíduo, dentro do mesmo grupo social.

No entanto os jovens são indivíduos com identidade singular e não são unicamente elementos que pertencem a grupos sociais que se demarcam através das suas práticas culturais, consumos e códigos de gosto, no espaço social, estruturado em posições assimétricas, que os identificam perante os outros atores e grupos sociais (*Abrantes: 2003*), conversam e praticam jogos, em ambiente alegre e de alguma brincadeira, sem atitudes de agressão a registar nos espaços de recreio.

Neste período é visível que existe uma maior adaptação à escola, à turma, colegas, professores e pessoal não docente. Para esse ajustamento muito têm contribuído as atividades levadas a cabo por parte da direção e dos seus colaboradores.

Na festa do final do período foi interessante e agradável poder ver a maioria dos alunos, rotulados como “problemáticos” ou “não problemáticos”, integrar as atividades ou simplesmente assistirem aos espetáculos preparados e protagonizados pelos colegas, professores e pessoal não docente, num ambiente de satisfação, harmonia e entreajuda entre pares.

(12.2) Para Bourdieu, as escolhas são orientadas por estes esquemas disposicionais: “Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem o habitus, sistemas de disposições duráveis e intercambiáveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, enquanto princípios geradores e organizadores de práticas que podem ser objetivamente adaptadas aos seus fins sem supor a previsão consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los, objetivamente ‘regulados’ e ‘regulares’ (Bourdieu:1980: 88-89).

3. As variáveis

Os resultados apresentados referem-se aos dados obtidos através das seguintes variáveis aferidas pela aplicação do questionário aos alunos da amostra - 281 alunos, (ver ANEXO _ Análise variáveis):

Seção A – “Quem és?”

Os 281 alunos presentes na aplicação do inquérito, que constituem a amostra do estudo, encontram-se distribuídos pelo 10º ano – 191 alunos (67,97%), CEF – 42 alunos (14,95%), 8º ano – 31 alunos (11,03%) e 7º ano – 17 alunos (6,05%) da amostra.

Ano de Escolaridade	Nº de alunos	%
10º	191	67,97
CEF	42	14,95
8º	31	11,03
7º	17	6,05
Total	281	100

A idade dos alunos que frequentam as turmas de 7º, 8º, 10º e CEF varia entre os 12 e os 22 anos. A média dos alunos inquiridos tem cerca de 15,5 anos. A moda situa-se nos 15 anos, com 97 alunos, 34,52% dos inquiridos.

Idade	Nº de aluno(a)s	%
12	11	3,91
13	21	7,47
14	20	7,12
15	97	34,52

16	70	24,91
17	38	13,52
18	18	6,41
19	5	1,78
22	1	0,36
Total	281	100

O número de alunos por género distribui-se quase equitativamente: 141 são do género masculino e 140 do feminino.

Género	Nº de aluno(a)s	%
Masculino	141	50,18
Feminino	140	49,82
Total	281	100

Caraterização Sócio-familiar dos alunos inquiridos

A maior parte dos alunos inquiridos nasceram em Portugal e vivem com a sua família nuclear (cerca de 70%). Os restantes vivem com um dos progenitores e irmãos ou ainda com outros familiares no agregado.

Estes jovens têm uma opinião positiva a cerca da sua família (96,24%), o que pressupõe uma boa integração familiar. Consideram que o mais importante na sua família é a união, o diálogo, apoio e o amor que recebem e partilham entre todos.

Dos jovens inquiridos apenas dez (3,76%) têm uma opinião negativa sobre a sua família: quatro são do 10º ano, dois do 8º ano, dois do 7º ano e dois do CEF. Estes alunos sentem-se insatisfeitos com o ambiente familiar e tecem comentários como “só

querem saber deles não dos filhos”, falando do “divórcio dos pais” de modo negativo, ou que, na sua perspectiva, não existe o empenho, acompanhamento e preocupação dos pais para com eles.

Esta percepção díspar dos jovens, pode motivar comportamentos diferentes, dos geralmente observados nos jovens da sua faixa etária, cuja percepção é a de que têm um bom relacionamento afetivo familiar, e que cognitivamente permite assegurar uma boa socialização dos jovens, na interiorização dos valores e normas que lhes permitirão a interação mais espontânea e positiva com os seus pares. Por vezes uma interação negativa com os seus pares é o reflexo de uma má integração familiar.

Na maior parte (71%) das famílias destes jovens, os pais e mães destes vivem juntos (são casados, vivem em união de fato ou maritalmente) e apenas cerca de 28% dos agregados familiares têm um dos progenitores, devido a separação, divórcio ou óbito de um dos cônjuges. Cerca de 16% destes jovens são filhos únicos, mas a maior parte tem um único irmão (53,38%) e cerca de 30% tem dois irmãos.

Os pais têm na sua maioria nível igual ou acima da escolaridade obrigatória (66%), cerca de 18% completaram o Ensino Superior, 19% o Ensino Secundário (12º ano) e 28% tem a escolaridade obrigatória (9º ano).

A maior parte das mães dos alunos tem o Ensino Secundário (12º ano) – 28,83%, com a Escolaridade Obrigatória (9º ano) – 22,63%, e 18,98% das mães têm o Ensino Superior. Com o 1º e 2º ciclo, são respetivamente, 12,41% e 15,69%, no total de cerca de 10% das mães. Dos 274 alunos que responderam, a maior parte das suas mães tem escolaridade acima da obrigatória (9º ano), até ao nível do ensino superior – 70,44%. Na maior parte as mães detêm o Ensino Secundário (12º ano), no entanto as mães dos alunos do CEF têm na sua maioria - 33% o 2º Ciclo (6º ano); com a escolaridade obrigatória (9º ano) – 24%, com o 1º Ciclo (4º ano) – 21,4%, com o Ensino Secundário (12º ano) – 14% e uma mãe (2%) com o Ensino Superior.

Podemos constatar que a maior parte dos jovens tem uma situação sócio-familiar estável, do ponto de vista económico, e que os seus progenitores são maioritariamente trabalhadores por conta de outrem.

A maior parte dos pais desempenham funções profissionais como Empresários, Quadros Superiores ou Profissionais Liberais (23,41%) e cerca de 16,1% como Profissionais Técnicos. Os pais dos jovens que frequentam o 7º e 10º ano, desempenham profissões como Empresários, Dirigentes, Profissionais Liberais e Técnicos (52,94% nas famílias de alunos do 7º ano e 46,07% nas de alunos do 10º ano). Já nos agregados familiares dos jovens que frequentam o 8º ano e do CEF, os pais desempenham profissões ligadas à produção de bens (48,39% nas famílias de jovens do 8º ano e 69,05% nas dos alunos do CEF).

Profissão _ pai	Nº	%	Código da legenda
Empresários, dirigentes e profissionais liberais	66	23,49	1
Profissionais técnicos	45	16,01	2
Empregados operacionais	9	3,20	3
Empregados de produção	123	43,77	4
Aposentados ou reformados	1	0,36	5
Desempregados	14	4,98	99
“Faleceram”	7	2,49	6
Não sabe / não responde	16	5,69	0
Total	281	100	

As mães dos alunos são na sua maior parte empregadas por conta de outrem, ligadas à produção de bens e serviços (34,52%). Empresárias e Quadros Superiores ou Profissionais Liberais são cerca de 18,15% e Profissionais Técnicas são 16,72%, sendo que estes dois últimos grupos profissionais totalizam 34,88% das mães. No entanto podemos constatar que cerca de 12,04% das mães de alunos do 10º ano são domésticas, não exercendo profissão remunerada e cerca de 10% estão desempregadas. Das mães dos alunos do 7º ano, 11,76% são domésticas e cerca de 26,19% das mães dos alunos do CEF estão desempregadas. Assim temos que cerca de 19,2% das mães destes jovens estão desempregadas (11%) ou são domésticas (8%), por opção ou porque não conseguem arranjar trabalho.

Profissão _ mãe	Nº	%	Código da legenda
Empresárias, dirigentes e profissionais liberais	51	18,15	1
Profissionais técnicas	47	16,73	2
Empregadas operacionais	20	7,12	3
Empregadas de produção	97	34,52	4
Aposentadas ou reformadas	1	0,36	5
Domésticas	29	10,32	7
Estudantes	2	0,71	8
Desempregadas	27	9,61	99
Não sabe/não respondeu	7	2,49	0
Total	281	100	

Seção B – “O que pensas sobre os outros?”

A maior parte dos jovens inquiridos (92%) têm uma opinião positiva acerca do ambiente que se vive na escola (80% considera-o “Bom”, 4% “Muito Bom” e 8% “Satisfatório”) e que tem um “Bom” relacionamento com os colegas da turma.

No entanto cerca de 8% dos jovens tem opinião negativa relativamente ao ambiente que se vive na escola. Igualmente com opinião negativa sobre o relacionamento entre colegas de turma, manifestaram-se cerca de 11% dos jovens e cerca de 8% dos alunos consideram que o seu relacionamento com os colegas da turma é, na sua opinião, negativo.

A perceção dos jovens quanto ao ambiente que se vive na escola, o seu relacionamento com os colegas da turma e entre colegas é muito positiva, considerando que existe um “Bom” relacionamento.

Os alunos cuja perceção aponta para uma opinião negativa, sobre o ambiente que se vive na escola, o seu relacionamento com os colegas e entre colegas, situa-se entre os 8% e os 11% (cerca de 20 a 30 jovens).

Poderemos estar perante a faixa de jovens que já presenciou ou foi protagonista em situações de indisciplina ou violência escolar.

A Seção C – “És vítima?”

Pretende-se aferir os tipos de violência entre pares, de que os jovens inquiridos, (na sua percepção), se sentiram alvo, os locais onde ocorrem e a atitude dos observadores.

Dos 271 jovens que responderam 184 (65,48%) alunos nunca se “sentiram” agredidos, mas **87 (32,1%)** já se “sentiram” ou “sentem-se” alvo das agressões a seguir identificadas:

A **violência verbal** (ameaçar, gozar e humilhar, fazer intrigas, ...) é a mais “sentida” pelos aluno(a)s, com cerca de **29,18%**, em segundo lugar a **violência indireta ou relacional** (boatos, levantar calúnias, exclusão,...) com cerca de **21%**, em terceiro lugar a **violência física** (empurrar com violência, bater, apalpar ou magoar de propósito com objetos) com cerca de **20%** e em quarto lugar a **violência contra a propriedade das vítimas** (roubo de bens da vítima), com **8,54%**.

A maioria das situações de violência ocorre, em primeiro lugar nos corredores, escadas de acesso, espaços de recreio, em segundo lugar os espaços de Educação Física (pavilhão, balneários) e sala de aula.

Os agressores são maioritariamente do género masculino e são mais velhos, que as suas vítimas.

Os alunos que se consideraram agredidos, 3 (7,14%) afirmam que foram vítimas de violência mais de três vezes, 5 (11,90%) que o foram duas vezes e, 34 (80,95%) foram agredidos uma vez.

Afirmam que as situações de violência, foram presenciadas por amigos ou colegas, que maioritariamente não tomaram nenhuma atitude – “não fazem nada” e poucos são os que pedem ao agressor para parar, limitando-se a ficarem impávidos ou a tomarem uma atitude de gozo perante situações de agressão entre colegas.

Da análise das frequências de ocorrência de diferentes situações de agressão, podemos constatar que estes **87** alunos, que se consideram agredidos, são **vítimas de mais de um tipo de violência**.

A Seção D – “Viste alguém ser vítima?”

Pretende-se aferir a percepção do observador face a situações de violência entre pares, confrontando o que é dito pelo agredido e pelo observador. Cerca de 39,29% dos jovens inquiridos afirmaram que não presenciaram situações de violência na escola ou nas imediações, mas 60,71% dos jovens já assistiram. A **violência verbal** (ameaçar, gozar e humilhar, fazer intrigas, ...) é a mais presenciada pelos aluno(a)s, com cerca de **50%**, em segundo lugar a **violência indireta ou relacional** (boatos, levantar calúnias, exclusão,...) com cerca de **25%**. Em terceiro lugar a **violência física** (empurrar com violência, bater, apalpar ou magoar de propósito com objetos) com cerca de **15%**, e em quarto lugar a **violência contra a propriedade das vítimas** (roubo de bens da vítima), com **10%**.

Os **locais** onde os alunos presenciam as situações de violência, são em primeiro lugar os corredores, escadas de acesso, em segundo lugar os espaços de recreio e em terceiro lugar as imediações da escola.

A maior parte dos alunos que presenciam situações de violência na escola, cerca de **57%** não têm nenhuma atitude, simplesmente **“não fazem nada”**. Cerca de **15%** **“pedem ao agressor para parar”**, **10%** **“apoiam o agredido”**, **9%** **“aconselham a vítima a afastar-se do agressor”**, só cerca de **5%** **“ajudam o agredido”**. Os outros, ou **“têm medo e fogem”**, ou **“riem e gozam com a situação de agressão”**.

Os alunos (observadores) que testemunharam situações de *violência* ou de *bullying*, em contexto escolar, convivem com a violência e na maior parte das vezes não a denunciam, silenciando-se por recearem tornarem-se as “próximas vítimas” do agressor, de represálias por parte dos seus pares, ou ainda porque não têm a percepção real da gravidade da situação que presenciam, desculpabilizando o agressor. Outros vivenciam estes fenómenos como se de uma cena de combate se tratasse, uma distração de onde a adrenalina transborda. Não separam agressores e agredidos, pelo contrário incitam, provocam e ficam a observar sem darem “ouvidos” aos valores, que lhes são incutidos pelos pais e pela escola. Há ainda os que ignoram ou consideram-nos uma banalização, e frisam que estes incidentes acontecem todos os dias na escola, e não lhe dão grande importância.

A Seção E – “És agressor?”

Pretende-se indagar qual a opinião dos jovens que se consideram agressores. A maioria dos jovens - 96,44%, referiu que a ***violência verbal*** (ameaçar, gozar e humilhar, fazer intrigas, ...) é a usada pelos alunos agressores, com cerca de **70%**, em segundo lugar a ***violência física*** (empurrar com violência, bater, apalpar ou magoar de propósito com objetos) com cerca de **15%**, em terceiro lugar a ***violência indireta ou relacional*** (boatos, levantar calúnias, exclusão) com cerca de **10%**, e em quarto lugar a ***violência contra a propriedade das vítimas*** (roubo de bens da vítima), com **5%**.

Os **locais** onde os alunos praticam atos de violência, são em primeiro lugar os corredores, escadas de acesso, em segundo lugar os espaços de recreio e em terceiro a sala de aula.

A maior parte dos alunos que praticaram atos de violência na escola, cerca **10%** praticou violência uma única vez, cerca de **8%** duas vezes, cerca de **2%** praticaram atos violentos três vezes e, mais de três vezes cerca de **4%** dos alunos inquiridos. Não praticaram qualquer tipo de ato violento cerca de **76%** dos alunos da amostra selecionada.

Podemos afirmar que cerca de **6%** dos alunos que afirmam terem atos violentos para com os colegas praticam violência três vezes ou mais, poderiam ser considerados alunos que praticam “bullying”. Ainda que sendo um número de cerca de, 15 ou 16 alunos que praticam atos de forma recorrente, não se sabe em que circunstância ocorrem, nem o grau de gravidade da sua prática agressiva perante as vítimas, e qual a representação que vítimas e agressores fazem das situações de agressão, nomeadamente o desequilíbrio de poder entre pares.

Quando questionamos os alunos se continuam a perseguir/agredir os colegas, só 2 afirmam que sim, sendo este um resultado insignificante, pelo que não se pode falar de “bullying”, mas sim de violência escolar pontual e/ou esporádica.

As razões apontadas pelos alunos para os seus comportamentos violentos, são na sua maior parte irrelevantes, referindo que o fazem por “brincadeira”, na “defesa de outros colegas”, porque no momento estão “irritados com os colegas”, como

“resposta a provocações” ou ainda por “vingança”, o que demonstra que não existe premeditação e que muitas vezes existem motivos trazidos do exterior, que levam a manifestações violentas dos jovens na escola, por ser nessa instituição, que passam a maior parte do seu dia e descarregam as suas frustrações e problemas em “alguém” que está próximo – os seus pares.

A Seção F – “Opinião sobre agressividade/violência”

A maior parte dos jovens têm a percepção que situações de agressividade/violência de qualquer tipo são prejudiciais e negativas para o ambiente na escola, mas afirmam que não se consideram agredidos pelos seus pares. Apenas cerca de oito jovens, 3% dos inquiridos se consideram agredidos pelos seus pares e quando se encontram numa situação de violência, em que são os visados tentam defender-se ou fogem para não serem agredidos, procurando a ajuda de colegas e dos pais.

A maioria dos jovens tentariam resolver as situações de violência, através do diálogo com os agressores, confrontando-os de modo a que estes reconheçam que a sua atitude é incorreta, evitando a agressão entre pares.

A Seção G – “Atitude/ações para reduzir violência”

Os jovens inquiridos pensam que os procedimentos a ter na comunidade escolar, para que exista harmonia entre colegas, se devem basear no respeito pelo próximo, relacionando-se de forma educada e sociável com o outro, e sempre que surjam situações menos corretas ou até violentas devem resolver-se através do diálogo, promovendo a tolerância e sem violência, se necessário ajudando ou procurando apoio junto dos pais, professores e outros profissionais escolares e colegas. Consideram ainda importante a realização de mais atividades com os alunos para que exista uma maior interação entre pares e que se promova a informação e sensibilização dos atores escolares, sobre o tema da violência escolar, de modo e saber como a evitar.

Capítulo V: Conclusões da Investigação

A maior parte dos jovens inquiridos, vive com a sua família nuclear (pais e irmãos), em agregados com quatro ou cinco elementos (pais e filho único ou com 2 filhos, na sua maioria), a maior parte dos pais (mãe e pai) são de origem portuguesa, e maioritariamente no estado civil de casados. A formação académica da maioria dos pais situa-se acima da escolaridade obrigatória e profissionalmente encontram-se no ativo, desempenhando profissões ligadas à produção de bens e serviços, mas existe uma parte significativa de pais que são “empresários, quadros superiores, profissionais liberais ou técnicos”.

Os alunos têm uma opinião positiva sobre a importância da família na sua educação, e palavras como “diálogo, apoio, união, convívio e o amor que recebem e partilham entre si”, demonstram o quão importante é a família na base da formação dos jovens (13).

Unicamente 10 jovens têm uma opinião negativa sobre a sua família e com eles, deveríamos procurar analisar os motivos que levam a que tenham esta opinião. (14)

É maioritariamente positiva a sua opinião sobre o ambiente que se vive na escola e entre colegas da turma. Mas cerca de 21 alunos (7,6%) têm uma opinião negativa quanto ao ambiente que se vive na escola e 31 (11%) não têm uma opinião positiva sobre o seu relacionamento com os colegas da turma, considerando-o “pouco satisfatório” (18 alunos) e “insatisfatório” (13 alunos).

Sobre a violência, aferi que cerca de 87 aluno(a)s já se “sentiram” alvo de mais de um tipo de agressão, e a maioria foi agredida fisicamente mais do que uma vez, têm

(13) Muitos alunos têm consciência que a obtenção das ferramentas essenciais à apropriação da cultura escolar na família, é fundamental para o sucesso escolar e são os filhos das classes mais favorecidas que estão em vantagem, porque eles herdam os conhecimentos, gostos, hábitos e competências adquiridas através das experiências vividas com a sua família, que capitalizam e usam em seu benefício, no seu percurso escolar. (Bourdieu et Passeron:1964: 30).

(14) A frase proferida por estes alunos "Os professores só estão aqui para nos lixar", demonstra bem que as diferenças linguísticas, as de origem social e a dificuldade de integração no próprio "código linguístico escolar" é sentido pelos menos habilitados linguisticamente pelas fracas ferramentas que receberam no seio familiar e social, não lhes dão a capacidade de resposta a situações de violência verbal, mas que facilmente são superadas por outros melhor apetrechados social e linguisticamente, por conseguinte com maior capacidade linguística de resposta social e escolar, permitindo uma maior auto-estima e reconhecimento do seu valor escolar e social na comunidade escolar.

maioritariamente 15 anos (cerca de 30 alunos), são do gênero masculino e frequentam o 10º ano de escolaridade. O tipo de agressão mais comum é a violência verbal, seguida da violência indireta ou relacional e da violência física (cerca de 18 aluno(a)s), no entanto só 8 aluno(a)s se consideram agredidos (3%), o que nos leva a compreender a diferença entre a realidade percebida pelos agredidos e pelos agressores .

Os agressores são identificados pelos que se consideram agredidos, como sendo mais velhos e do gênero masculino. Os locais onde ocorrem as situações de violência são os corredores, escadas de acesso, espaços de recreio e espaços de educação física.

Os alunos que se assumem como agressores (cerca de 24%), quinze ou dezasseis (6%) praticaram atos de violência de qualquer tipo sobre os seus pares, por três ou mais vezes, mas só dois alunos afirmam continuarem a agredir os colegas.

A atitude dos alunos (observadores) que presenciaram situações de violência, na sua maioria é apática, de medo e muito pouco envolvimento, “não fazem nada” ou então “riem e gozam com a situação”. Só cerca de 5/6 alunos (3%) afirmaram que “pediram ao agressor para parar”, “apoiaram o agredido” e “deram conselhos ao agredido para se afastar do agressor”. O tipo de violência que mais têm presenciado é a violência verbal (50%), em segundo lugar a violência indireta ou relacional (cerca de 35%) e em último lugar com 15% a violência física.

Os jovens agredidos são tipificados como frágeis, que se sentem desiguais ou prejudicados e que dificilmente pedem ajuda. Podem demonstrar desinteresse, medo ou falta de vontade de ir para a escola, apresentam alterações no rendimento escolar, dispersão ou notas baixas. Para além disso podem apresentar sintomas de depressão, insónia e pesadelos. São regra geral alvo de situações de humilhação, e geralmente identificados pelos outros através de “apelidos”. Sentem-se ofendidos, discriminados, excluídos, perseguidos, agredidos e podem ser vítimas de roubo ou destruição dos seus pertences (Sequeira: 2009).

Os agressores são regra geral, os jovens que pensam que todos devem fazer as suas “vontades” e a serem o centro das atenções dos outros. São inseguros e foram ou são alvo de agressão por parte dos adultos, que repetem, em comportamentos que

apreenderam, onde demonstram a sua autoridade e poder para com o (s) outro (s) (Sequeira: 2009). Cerca de 71 alunos assumiram-se como agressores (25,27%) do total de inquiridos.

A percepção dos agressores é diferenciada da dos agredidos, relativamente aos tipos de violência praticada, número de vezes e a sua continuidade. Os alunos inquiridos, que se consideraram agressores, afirmaram que praticam geralmente violência verbal (74 situações de ameaça e humilhação). Em segundo lugar atos de violência física (61 situações de agressão física como bater, apalpar, empurrar), em terceiro lugar a violência indireta/relacional (28 situações de intriga, calúnia, exclusão), e em último lugar a violência contra a propriedade da vítima (10 situações de destruição/tirar objetos da vítima). Dos 71 alunos que se consideram agressores, 29 dizem que só praticaram atos violentos uma vez, 21 alunos praticou 21 vezes atos de violência, 4 alunos três vezes e 12 alunos praticaram atos de violência mais de três vezes. Questionados sobre se continuam a agredir os seus pares só 2 alunos afirmaram que “sim”. No entanto cerca de 22 alunos gostavam de ter um comportamento diferente e para modificar/melhorar o seu comportamento os alunos utilizam algumas “táticas” como “controlar-se melhor”, “não reagir a provocações” e “conviver mais com os colegas”.

Apesar de constatar que existem algumas situações de agressão entre pares, referidas pela maior parte dos alunos inquiridos, verifiquei que, o número de procedimentos disciplinares (oito), registados pela ESB, até 23 março 2012 - final do 2º período escolar - é numericamente muito inferior à realidade, aferida pela análise dos dados recolhidos, através da aplicação dos questionários aos alunos, o que demonstra a discrepância entre as situações de violência escolar existentes e as que são participadas.

Dos oito processos disciplinares instaurados a alunos da escola, cinco referem-se a situações de indisciplina, dentro da sala de aula, em que aos atores intervenientes, são aluno(a) e professor(a), e o tipo de agressão é a verbal.

Os restantes três processos disciplinares reportam situações de agressão física entre alunos, do género masculino. Em dois destes processos são protagonistas alunos do

ensino regular e no outro um aluno do ensino regular e o outro de Curso de Educação e Formação.

Esta “irrealidade” face à realidade dos fatos, já foi referida por Caeiro: 2009, e Sebastião: 2008, que relatam situações de falta de informação ao Ministério da Educação, dos episódios de violência entre alunos, por as escolas consideram que dispõem dos meios que lhes permitem resolver estas questões, e que tomar medidas “drásticas” só agudizam as situações de agressão, e prejudicam o ambiente entre as famílias dos intervenientes.

As situações podem ser consideradas de “menor” gravidade ou de “maior” gravidade conforme o “modus operandi” da escola, de acordo com as suas estratégias e representações sobre as questões denunciadas, e estas diferem de escola para escola.

A maior parte dos alunos considera a violência na escola, um problema que afeta negativamente e prejudica a comunidade escolar.

Relativamente às atitudes ou ações a levar a cabo por todos, tendo em vista a redução da violência na escola entre pares, a maioria dos alunos pensam que se devem “resolver as coisas através do diálogo e sem violência”, com “respeito” e contar com a “ajuda de colegas, pais, professores, auxiliares e da diretora” da ESB e, que a forma correta de procedimento para um relacionamento harmonioso entre pares, deve ser pautado pelo “respeito ao próximo, ser educado e sociável”, usando o “diálogo, sem violência e promover a tolerância”. É opinião da maior parte dos alunos inquiridos, que as ações que podem ser realizadas na escola, de forma a contribuir para melhorar o ambiente, diminuindo as situações de perseguição e agressão entre pares, devem passar por “informação/campanhas de sensibilização sobre violência escolar e bullying”.

A indisciplina e a violência são transversais à sociedade onde os jovens se movimentam. Os motivos que desencadeiam situações de inadaptação, indisciplina ou violência escolar, podem ser insignificantes no entender de alguns indivíduos e bastante consistentes e coerentes para outros, dependendo das experiências de vida, bom senso, capacidade de argumentação, de ajustamento e aceitação do outro, que pode ser muito diferente do espetável.

As causas da indisciplina e violência escolar podem ser exteriores à escola, encontrarem-se na sociedade que propicia o contato frequente com diversas formas de violência, mas é obrigação da família do jovem, propiciar e criar todas as condições essenciais (de subsistência, físicas, psicológicas e morais), para que o seu desenvolvimento como indivíduo, se realize de forma saudável e correta, tendo em conta o conjunto de valores, direitos e deveres como cidadão, da sociedade onde se inscreve.

A tarefa da família na educação dos seus jovens, deve ter em atenção a estrita colaboração com a escola, que contribui para a educação dos seus educandos, dotando-os de conhecimento para melhor entenderem a sociedade edificada. Esta tarefa, torna-se cada vez mais difícil, devido à complexidade do quotidiano e à falta de relacionamento e diálogo entre os indivíduos que a compõem a família.

Os jovens sem uma base familiar sólida, têm mais dificuldades de adaptação e interação com os outros e, os casos analisados confirmam que os jovens que agredem, têm fundamentalmente uma grande ausência de valores, falta de estabilidade familiar e afetiva.

Os que dão mais valor à família, que sentem e recebem efetivamente o apoio e compreensão necessários para transpor com sucesso os seus medos e frustrações, permitindo a superação das tarefas difíceis para os jovens, que para os adultos (pais) são experiências já vividas, que transmitem aos jovens através do diálogo. A falta deste apoio, compreensão e do diálogo entre os jovens e a sua família, fratura o relacionamento institucional na família, gerando um “fosso” entre as gerações, o que pode promover a manifestação de alguma desmotivação nos jovens, levando estes a questionarem-se “Porquê? Para quê? Portar-me bem como os outros, ter boas notas, se não sou reconhecido em casa e pelos outros?”

Os alunos desmotivados e/ou que não querem continuar a estudar, por não terem perspectivas de futuro num bom emprego, de conseguirem alcançar um curso superior, quer seja por dificuldades no seu aproveitamento escolar ou por complicações económicas do seu agregado familiar, encontram nesses motivos o “rastilho” para

manifestarem a sua revolta contra o tempo de escolaridade obrigatória, que para eles é demasiado elevado, até porque, segundo eles “estudo até ao 12º ano, pra quê, depois não tenho emprego, ou tiro mecânica e vou para repositor num supermercado. Grande coisa, só tou a dar despesa aos pais ...”. A falta de interesse pelas matérias das disciplinas gera tensão, desmotivação e violência coerciva, entre alunos que apreendem mais facilmente conteúdos e outros que não conseguem, gerando formas de indisciplina, violência verbal, exclusão e até física "in extremis". Sentem-se “excluídos do interior, estão votados a balançar, em função sem dúvida, das flutuações e das oscilações destas sanções, entre a adesão maravilhada à ilusão que ela propõe e a resignação dos seus vereditos, entre a submissão ansiosa e a revolta impotente.” (Bourdieu:189).

Nas turmas de CEF, mais concretamente na turma B1, verifiquei a constituição de um grupo de alunos liderados por um outro colega de turma, que se assumiam como diferentes dos restantes alunos da escola, fomentando ações de “rebelião” contra as aulas e os colegas que os criticavam. Alguns deles provocavam e agrediam os seus pares agindo em grupo. Após a saída da escola do seu líder, (com processo disciplinar levando-o a anular a matrícula), o grupo foi desfeito e a serenidade voltou à turma, que passou a manifestar alguma indisciplina por inconformidade com a obrigatoriedade das aulas.

O resultado das exigências das políticas educacionais, que obrigam a períodos cada vez mais longos de permanência diária dos seus alunos nas escolas, que por vezes origina a falta de interesse e motivação dos alunos, que por si só não origina violência contra os seus pares, mas que com outros fatores associados, pode levar a um desequilíbrio dos jovens, propício à ocorrência de situações de indisciplina e violência.

A violência escolar é uma construção, para uns muito grave, enquanto para outros não, mas a negligência e a falta de ação no momento certo, agrava situações de violência e o clima escolar degrada-se, levando ao desadequado relacionamento entre pares e outros atores do meio escolar propiciando o aumento de situações de violência, com os consequentes agravamentos para agredidos, agressores e outros atores escolares.

A exclusão social escolar pode levar ao precoce abandono da escola – os grupos de alunos que excluem os que com eles não se identificam ou não aceitam no grupo, condicionam a integração dos menos capacitados ou menos motivados para os currículos escolares.

A falta de regulamentação que uniformize situações, modos de agir e sanções em caso de violência escolar, onde sejam definidos os limites e o tipo e classificação dos procedimentos a adotar, têm gerado várias definições dos conceitos de violência escolar e várias interpretações das situações vividas nas escolas, pelo que seria de todo conveniente a sua clarificação pelas entidades competentes.

Para finalizar poderei sugerir à ESB, a divulgação de informação e sensibilização de todos os atores escolares sobre a temática da violência escolar e, a continuação do bom trabalho desempenhado pela direção da escola, no desenvolvimento das inúmeras atividades que propiciam a boa integração da maior parte dos jovens e profissionais escolares e, que devem igualmente envolver as famílias dos jovens, no projeto comum da escola – educar e capacitar os alunos para a vida em sociedade, de acordo com os valores, direitos e deveres de cidadania, instituídos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrantes**, Pedro, *Os Sentidos da Escola – Identidades Juvenis e Dinâmicas de Escolaridade (Redes Afectivas, Escolhas Práticas)*, 2003, Celta Editora Cap. 6, pp 97 a 118
- Almeida**, João Ferreira de, e Pinto, J. Madureira, *A investigação científica nas ciências sociais*, Lisboa, Presença, 3.ª ed., 1975
- Amado**, João & Freire, Isabel (2009), *A(s) Indisciplina(s) na Escola Compreender para Prevenir*, Edições Almedina, Coimbra
- Bardin**, Laurence, *Análise de Conteúdo*, 1977, Edições 70
- Bauman**, Zygmunt, *O Mal Estar da Pós-Modernidade*, 1998, pp. 7- 48, 246-257
- Bourdieu**, Pierre, *La distinction: critique sociale du jugement*, 1979, Paris: Minuit; *Le sens Pratique*, 1980, Paris, Éditions de Minuit ; *Poder simbólico*, 1989, Lisboa, Difel; *Razões Práticas: Sobre a Teoria da Acção*, 2001, Oeiras, Celta Editora
- Boudon**, Raymond, Paul Lazarsfeld, *Metodología de las ciencias sociales*, 1973, Editorial Laia, pp. 34-100
- Bryman**, A. e Cramer, D., *Análise de dados em ciências sociais - Introdução às técnicas utilizando o SPSS*, Oeiras, Celta Ed., 1992
- Carvalhosa**, S. (2008). *Bullying em Portugal: O que se passa nas escolas?.. Seminário “Violência, Bullying e Agressividade em Contextos de Formação”* Departamento de Psicologia Social e das Organizações: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (Texto policopiado)
- Carvalhosa**, S., Lima, L. & Matos, M.(2001). *Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. Análise psicológica*, 4 (XIX), 523-53.
- Cibois**, Ph., *L’analyse des données en sociologie*, Paris, PUF, 1984, 218 p.
- Costa**, António Firmino da, *A Pesquisa de Terreno em Sociologia*, pp. 129-148
- Durkheim**, Emile, *As regras do método sociológico*, Lisboa, Presença, 1987, 165 p.
- Caeiro**, Tiago, (2009), *A escola face à violência – nos bastidores da organização escolar*, Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Educação e Sociedade
- Foddy**, William, *Como Perguntar: teoria e prática da construção de perguntas em entrevista e questionários*, 1999, Celta Editora
- Foucault**, Michel, *Vigiar e Punir*, 1996, Petrópolis, Tradução Raquel Ramallete, 14ª edição, pp. 125-152; *Vigiar e Punir*, 1998, Éditions de Minuit, Tradução José Carlos Rodrigues, 2ª edição, pp. 45-70
- Freire**, I. (2001). *Percursos Disciplinares e Contextos Escolares — Dois estudos de caso*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (Texto policopiado)
- Freire**, I., Simão, V. Ferreira, A. (2006). *O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico - um questionário aferido para a população escolar portuguesa*, Universidade do Minho: Revista Portuguesa de Educação
- Freud**, Anna, *Infância Normal e Patológica - Determinantes do Desenvolvimento*, 1987, 4ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara
- Ghiglione**, R., Matalon, B., *O Inquérito: Teoria e Prática*, Oeiras, Celta, 1992, 341 p.
- Giddens**, Anthony, *Modernidade e Identidade Pessoal*, Celta Editora, 1994, pp 9 a 30
- Goffman** Erving (1999), *Os Momentos e os seus Homens*, (trad. de Isabel Narciso) Antropos, pp190-235; *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, 1963
- Giddens**, Anthony, *Modernidade e Identidade Pessoal*, Celta Editora, 1994, pp 9 a 30
- Lopes**, João Teixeira, *Tristes Escolas – Práticas Culturais Estudantis no Espaço Escolar Urbano*, 1997, pp 97 a 142

Lessard-Hébert, M. Goyette, G. e Boutin, G., *Investigação qualitativa - Fundamentos e Práticas*, Lisboa, Instituto Piaget, 1994, 184 p.

Matos, M.; Tomé, G.; Gaspar, T.; Camacho, I.; Ferreira, M.; Borges, A. & Morais, M.(2008). *Bullying/provocação nas escolas portuguesas: da investigação à intervenção em meio escolar. O estudo OMS em Portugal. 4ª Conferência Mundial. Violência na escola e Políticas Públicas*. Faculdade de Motricidade Humana de Lisboa; 170-171

Neuenschwander, M. (2002), *Desenvolvimento e Identidade na Adolescência*, Coimbra: Almedina.

Pais, José Machado, *Culturas Juvenis*, Lisboa: INCM, (1993, pp. 21-131); *Máscaras, jovens e “escolas do diabo”*, (2008) Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37, jan./abr.

Pereira, Beatriz Oliveira, *Para uma Escola sem violência: Estudo e Prevenção das Práticas Agressivas entre Crianças*, 2002, Edição Fundação Calouste Gulbenkian

Pereira, B.; Almeida, A.; Valente, L., & Mendonça, D. (1996). *O bullying nas escolas portuguesas. Análise das variáveis fundamentais para a identificação do problema*. In L. Almeida, J. Silvério & S. Araújo

Olweus, D. (1993). *Bullying at school. What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell (ver bibliografia de Violência escolar e bullying em países europeus) program. Journal of Psychology and Psychiatry, 43 (7), 1171-1190; (1994). Annotation: bullying at school: basic facts and effects of a school based intervention

Quivy, R. e Van Campenhoudt, L., *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 1992

Relatório da United Nations Children’s Fund (2007). *Child poverty in perspective: a comprehensive assessment of the lives and well-being of children and adolescents in the economically advanced nations*. UNICEF

Ryzin, Van M. J., Gravely, A. A., & Roseth, C. J., (2009), *Autonomy, belongingness, and engagement in school as contributors to adolescent psychological well-being*, Journal of Youth and Adolescence, 38, 1-12

Sebastião, João, Mariana Gaio Alves, Joana Campos, *Violência na Escola: das políticas aos quotidianos*, Sociologia, Problemas e Práticas, nº 41, 2003, pp 37 a 62

Sebastião, João, Mariana Gaio Alves, Joana Campos, Tiago Caeiro, (2008), VI Congresso Português de Sociologia – *Violência e agressividade juvenil – podemos falar de escolas violentas?*

Sequeira, Paulo Jorge Ferreira Pinto (2009), Tese de doutoramento “*Bullying e peer Status na Escola*”, Faculdade de Ciências da Educação da Universidade de Málaga

Simão, V.; Freire, I. & ferreira, A. (2004). *Maus-tratos entre pares na escola — um estudo contextualizado*. Actas do Congresso Ibero-Americano sobre Violências nas Escolas, realizado em Brasília, Brasil em 28 e 29 de Abril de 2004, patrocinado pela UNESCO, pelo Observatório de Violências nas Escolas e pela Universidade Católica de Brasília, (publicado em CD-ROM: 18076165 ISSN).

UNESCO, *Relatório pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*, (1996), 3ª Ed. Porto: Edições Asa

Os sites pesquisados:

Guerreiro, Maria das Dores e Pedro Abrantes (2007), *Transições Incertas, os jovens perante o trabalho e a família*, CITE, Lisboa, www.cite.gov.pt

Proposta de Lei aprovada em Conselho de Ministros de 28/10/2010, sobre “crime de violência escolar” (notícia da Agência Lusa/Educare de 29/10/2010)

Site do Ministério da Educação de Portugal: <http://www.min-edu.pt/>, consultado em 20/02/12

Parecer: http://www.csm.org.pt/ficheiros/pareceres/parecer11_violenciaescolar.pdf consultado em 16/02/12

INE – Instituto Nacional de Estatística

ANEXO(S)

Anexo A: Questionário dos alunos

Anexo B_ESB - projeto_o antes_e_depois

Anexo B.1_Parq escolar_Prog Modern escol ensin secund_ESB

Anexo C _ Projeto Educativo da ESB 2010/2013

Anexo D _ Plano Anual Atividades_ESB_11-12_final

Anexo I _ Exposição de tabelas de dados

Anexo II _ Texto sobre o Desenvolvimento da Identidade no Adolescente

Anexo III - Projeto Liga-te _Avaliação Final_Jovens